

**NOS QUARTÉIS E NAS RODAS DE SAMBA: APONTAMENTOS SOBRE O
CORPO DA BRASILIDADE A PARTIR DO TERCEIRO MANDATO DE LULA**

**AT THE BARRACKS AND IN SAMBA CIRCLES: NOTES ON THE BARRACKS
AND IN SAMBA CIRCLES: NOTES ON THE BRAZILIAN IDENTITY BODY
FORM LULA'S THIRD TERM ONWARDS**

Pedro Henrique Varoni de Carvalho¹

Daniel Perico Graciano²

Resumo: Este artigo busca pensar a corporeidade em relação à produção de subjetividades em uma perspectiva histórica. Partimos da hipótese de que com a expansão da extrema direita no Brasil, cuja representação máxima foi a eleição de Jair Bolsonaro, o novo conservadorismo em suas raízes históricas se contrapõe ao projeto de certo corpo da brasilidade, mestiço, constituído ao longo do século passado a partir de um espaço de resistência, por meio de práticas culturais que não atingiram a dimensão cidadã, permanecendo marginalizadas. A proposta é pensar o fenômeno em perspectivas arqueológica e genealógica e das produções de subjetividades que caracterizam os movimentos de certa tradição dos estudos discursivos foucaultianos

Palavras-chave: Análise do Discurso; corpo; brasilidade.

Abstract: This article aims to reflect on the corporeality in relation to the production of subjectivities from a historical perspective. We start from the hypothesis that with the expansion of the far-right in Brazil, whose maximum representation was the election of Jair Bolsonaro, the new conservatism, rooted in history, opposes the project of a certain body of Brazilianness, mixed-race, constituted over the past century from a space of resistance, through cultural practices that did not reach the citizenship dimension, remaining marginalized. The proposal is to think about the phenomenon from archaeological and genealogical perspectives, and the production of subjectivities that characterize the movements of a certain tradition of Foucauldian discourse studies.

Keywords: Discourse Analysis; body; Brazilianness

1 Introdução

“Nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses” (ANDRADE, 1972, p. 16) - diz o monumental *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade (1928). A antropofagia segue seu curso metamorfo e a roda do devir segue sua rota errática, seu espiral aberto toca o mesmo eixo, mas em um ponto diferente: o operário vestido de imperador toma posse em seu terceiro mandato, figurando no Salão Nobre do Palácio do Planalto. Fizemos o carnaval. Uma semana mais tarde, a reação: grupos terroristas de extrema

¹ Professor do Departamento de Letras (DL) e do Programa de Pós- Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: pedrovaroni@ufscar.br. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1492-4891>

² Doutorando no Programa de Pós- Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: dani_p.graciano@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5269-0213>

direita invadem e depredam o Congresso Nacional. Tese e antítese se unem em um coito bélico para dar à luz um *ritornelo*: um mesmo Luís Inácio Lula da Silva, um outro contexto. Variação de um mesmo tema.

De um lado a brasilidade popular, de outro a mimetização de uma rigidez militar. Duas vertentes antagônicas, duas representações dos corpos como superfície de inscrição das questões macropolíticas e da dissociação do eu, como nos mostra Foucault (1994). À esquerda, o corpo festivo, que comemora, à direita o corpo terrorista, que ressentido. Foi dessa forma que os primeiros dias de 2023 – entre a série de festividades que comemoravam o resultado das urnas e a violência da invasão ao Congresso Nacional – nos permitiram vislumbrar as disputas políticas que se atualizam nos discursos, nas práticas e, para o que interessa aqui, nos corpos.

Uma semana separa dois acontecimentos: os corpos que dançam e os corpos que violentam. Sob a superfície desse acontecimento, é possível identificar domínios de memória que permitem perceber, de um lado, a face perversa de uma tradição de exclusão social antimoderna e, de outro, a força contemporânea de uma resistência que busca se desvincular de um processo histórico de objetivação para se subjetivar em novas práticas corporais e ritmos de existência num país historicamente injusto e violento.

O corpo que dança é o corpo da brasilidade cuja matriz é a cultura popular, o corpo das reações intersubjetivas, que atualiza em si uma nova modernidade, que se identifica com uma mestiçagem alter-moderna³, descolonizada. Courtine (2013) nos lembra que, para Foucault, as inscrições da história que se fazem de forma cotidiana nos corpos. O corpo que violenta é o mesmo que nega, num projeto anti-moderno de conservação (AB SABER, 2022). Os acontecimentos de janeiro de 2023 fazem remeter ao funcionamento do arquivo (FOUCAULT, 2012) e, logo, aos domínios da produção de saberes e das técnicas de poder que atravessam nossa história.

Diante disso, partimos da hipótese de que com a expansão da extrema direita no Brasil, cuja representação máxima foi a eleição de Jair Bolsonaro, o novo conservadorismo em suas raízes históricas se contrapõe ao projeto de certo corpo da brasilidade, mestiço, constituído ao longo do século passado a partir de um espaço de resistência, por meio de práticas culturais que não atingiram a dimensão cidadã, permanecendo marginalizadas. Expansão essa que emerge no bojo de um projeto modernista brasileiro e se espalha em direção ao passado e futuro: do processo escravocrata ao golpe de 1964 e são atualizadas durante o governo Bolsonaro.

Quando nos perguntamos acerca de um traço distintivo dos modos de vida brasileiros, uma das imagens mais frequentes é a da flexibilidade, cuja tradução, algo estereotipada, se faz ver na ginga, no futebol, na capoeira, nas quebras sincopadas do samba. Espécie de ritmo de viver, visto ora como relação criativa com o mundo à volta, escapando a rigidez dos sentidos, ora como origem de nossos males, nossas dificuldades em seguir a ordem, as normas, as leis. O traço identitário é apropriado para diferentes fins e estratégias e se expressa, sobretudo, na linguagem corporal: dos dribles de Garrincha à capoeira de Pastinha. Há um corpo da brasilidade popular, um corpo antropofágico que dança “flutuando em cima dum monte de cadáveres” (GODDARD, 2017, p. 88), com “jogo de cintura”, expressão que salta das políticas do corpo para significar a flexibilidade como traço social possível para resolver toda sorte de problemas, mas também para justificar um projeto de nação em que a força da lei se ajusta à flexibilidade dos jogos de poder. Espécie de “veneno remédio” - já apontado por Wisnik - “a

³ Entendemos a alter-modernidade por uma modernidade alternativa, que nem afirma a modernidade neoliberal, nem adere a uma anti-modernidade conservadora, mas trata-se de uma forma como a multidão cria para si uma modernidade condizente com suas demandas cotidianas, na esteira de Hardt e Negri (2016).

capacidade de reverter a dialética negativa do círculo vicioso, convertendo-o numa reação em cadeia de elipses virtuosas” (WISNIK, 2008, p. 172).

“Mar e baía-mundo-chapada, onde mil povos e civilizações não cessam de se mestiçar, longe a montante dos estuários e dos vales onde o poder branco apronta suas máquinas molarizantes” (GODDARD, 2017, p. 51). A brasilidade realizada *no e pelo* corpo é produto de uma grande complexidade. Afinal, há uma miríade de metamorfoses que, diante da diversidade cultural e política das formações históricas, correm o risco de serem silenciadas.

Um olhar panorâmico sobre a relação entre as subjetividades e os corpos na contemporaneidade brasileira, permite indicar a diversidade de elementos em jogo: o corpo indígena, o corpo preto, o corpo pobre, o corpo transexual, a invenção e inversão colonial afro-índia-ocidental, a capoeira de angola, o candomblé, a capoeira regional, o tupinambá guerreiro, o rei-momo, o filho de Gandhi em fevereiro que pula fogueira em junho na festa de São João, o corpo neopentecostal, o corpo preso, o corpo peão. A exaustividade do arquivo é um risco a se evitar. No batimento entre as atividades laborais e o lazer e na diversidade econômica e social, os corpos vão se constituindo e se transformando. Assim, o corpo de brasilidade não existe, ele é um ideal, mas existe uma multiplicidade de corpos, a ser pensada a partir de uma perspectiva histórica. É preciso não romantizar a brasilidade gingada, metafísica, mítica.

Não buscamos historicizar as formas de emergência de sujeitos ou de objetos, mas identificar acontecimentos que propiciaram as condições de emergência dos corpos da brasilidade em seus processos, seus devires e suas práticas discursivas. Para isso, é preciso estabelecer de antemão uma distinção entre os acontecidos, os corpos decodificados e capturados, e os acontecimentos, as constantes atualizações das virtualidades nesses mesmos corpos.

Lançar luz sobre os corpos, fazer ver aquilo que já fulgura à luz do dia. O saber consiste na interação entre duas dimensões: as linhas de dizibilidade e as linhas de visibilidade (DELEUZE, 2005). O que se diz sobre os corpos de brasilidade, de acordo com as relações de poder, e o que, de acordo com essas mesmas relações, se faz ver acerca deles? É por meio desses dois tipos de formalização que as formas de saber e poder se imprimem nesses corpos produzindo sua subjetividade. Deleuze (2017), em aulas aplicadas na Universidade de Paris entre 1985 e 1986, nas quais se propõe pensar as formações históricas em Foucault, chama atenção para a forma como o método arqueogenalógico propõe uma relação entre os regimes de visibilidade e enunciabilidade.

Cabe a nós problematizar o corpo da brasilidade, questionar o conjunto de saberes neles marcados e saber quais são as formas de poder que ali se realizam e sob quais condições coexistem. De um lado, a emergência desse corpo da brasilidade malandra, fenômeno da modernidade urbana – na transição entre o século XIX e XX – uma matriz discursiva apropriada para diferentes fins que se constitui, ora como resistência, ora como estratégia de manutenção dos poderes. De outro lado, o reacionarismo contemporâneo, na sua marcha em direção ao passado, que busca reagir às conquistas históricas recentes de setores historicamente aliados do processo.

Ambos os fenômenos nos permitem desenvolver uma reflexão em dois movimentos. Um primeiro diz respeito à emergência dos corpos que resistem, a partir do qual procuramos traçar uma breve arqueologia desse traço moderno brasileiro e a configuração desse corpo da brasilidade. Esse caminho permite pensar de que forma a rigidez das marchas nos quartéis (e seu correlato violento da invasão dos poderes) é um movimento de negação anti-moderno (AB SABER, 2022) e como essas disputas discursivas caracterizam o campo cultural e antropológico brasileiro contemporâneo. Um segundo movimento nos aponta os corpos nas portas dos

quarteis que são, em certa medida, o ambiente de gestação dos atos golpistas de 08 de janeiro de 2023.

A nossa proposta é pensar essa corporeidade em relação à produção de subjetividades em perspectiva histórica, procurando perceber, como observa Francisco Bosco (2023), essa postura como um mal-estar em relação ao projeto modernista brasileiro: “O patriota bolsonarista compartilha, sabendo-o ou não, de uma concepção cultural que não o identifica com a formação mestiça, modernista, antropofágica da cultura brasileira” (BOSCO, 2023 s/n). O nosso ponto de vista teórico-metodológico é foucaultiano. A proposta é pensar o fenômeno em perspectivas arqueológica e genealógica e das produções de subjetividades que caracterizam os movimentos de certa tradição dos estudos discursivos foucaultianos (NAVARRO, 2020), desenvolvida hoje no Brasil.

2 Descendo num samba a ladeira da praça

Cabe aqui o questionamento: quais linhas de força convergiram para propiciar a emergência da ideia de um corpo da brasilidade? Podemos identificar marcas dessa construção, em toda sua diversidade, no projeto modernista nos anos 1920, retomado no Estado Novo getulista⁴, a partir de uma mutação da ideia de mestiçagem. Na era Vargas o poder cooptou os fluxos de resistência em favor de seu projeto nacionalista. O samba passa a sintetizar o ritmo em que pulsa a vida nas fábricas e nos morros. O carnaval - expressão máxima da potência da multidão - é capturado, neutralizado. O futebol se torna manifestação artística, estética, para além da prática desportiva, beleza que distrai e aliena. De fato, há uma brasilidade algo dionisíaca “de penas e de colares de dentes de bicho, com turbantes orientais no coco: as multidões antropófagas, étnica e musicalmente antropófagas” (GODDARD, 2017, p. 36), mas também nas formas de sobrevivência social do brasileiro.

De um lado a resistência popular, de outro a apropriação populista, mais uma vez, do embate entre as forças antagonistas é que se forja a máscara da brasilidade. O conjunto de atributos que incidem sobre esse corpo da brasilidade encontra na figura do malandro uma de suas principais traduções. Luis Antônio Simas (2020) chama de *pelintrações* esse equilíbrio gíngado. A imagem inspiradora é Zé Pelintra, entidade dos cultos afro-brasileiros, como o Catimbó, o Candomblé e a Umbanda, que emula o arquétipo do malandro. Visto como o defensor dos pobres, Zé Pelintra teria vindo do Nordeste, possivelmente de Pernambuco, para o Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e início do XX. No momento de sua morte, teria sido encantando, tornando-se um espírito de luz, na linha dos malandros. O seu modo de ser é a “adequação transgressora”, fazendo dessa representação um constante exercício de “equilíbrio gíngado” (SIMAS, 2020, p. 86). “O objetivo do malandro, afinal, não é o de derrotar o oponente, tarefa impossível, mas jogar assumindo o protagonismo do jogo, propondo gramáticas corporais e sonoras que o oponente é incapaz de dominar” (SIMAS, 2020, p. 87).

⁴ A relação do Estado Novo com a cultura, como se sabe, não ocorreu por vias democráticas. A criação do DIP- Departamento de Imprensa e Propaganda- funcionou como censura, ainda assim foi nesse período que se difundiu a ideia de uma brasilidade mestiça e de reflexões de caráter moderno sobre a identidade nacional. Um exemplo interessante de resistência popular se deu no samba “O Bonde de São Januário”, de Wilson Batista e Ataulfo Alves, de 1941. Depois de passar pela censura com letra enaltecendo o trabalho, a música ganhou nova versão: “O Bonde de São Januário leva mais um grande otário, sou eu que vou trabalhar”. A esse respeito ver Brasil uma Biografia, de Lila Schwarcz e Heloisa Starling (2015).

Entre a ideia de pelintração e a *Dialética do Malandragem*, célebre estudo de Antônio Candido (2015) sobre o retrato da sociedade carioca em meados do século XIX. A partir da interpretação de Memórias de um Sargento de Milícias, romance de Manuel Antônio de Almeida, o crítico identifica a ideia do equilíbrio gingado, que perpassa nossa história. O crítico identifica, no clássico oitocentista, a presença de uma dialética baseada no embate entre ordem e desordem, a partir de relações: “positivas (pólo da ordem) e negativas (pólo da desordem), sendo que os dois primeiros constituem uma espécie de prefiguração do destino do terceiro” (CANDIDO, 2015, p. 71). É possível perceber essa mesma dialética nos jogos políticos das eleições de 2022, que ocasionaram a terceira eleição de Lula à presidência da república, em meio a um processo de radicalização das forças reacionárias de extrema direita que não deixavam de operar como um contraponto a certa tradição da brasilidade mestiça.

É esse mesmo universo simbólico que se faz representar na terceira posse de Lula, dessa vez com a incorporação das lutas identitárias, contra o racismo estrutural, pela luta dos povos originários, pela existência política dos corpos LGBTQIA+, em uma perspectiva mais contemporânea. Há dois momentos, no contexto da posse, em que é possível identificar essas visibilidades e dizibilidades (DELEUZE, 2005). A forma como Lula se faz acompanhar de pessoas minorizadas na subida da rampa e o discurso de posse do Ministro Silvio Martins. É nesses momentos que se lança luz sobre os corpos em devir minoritário.

Reativas à nova face do poder estatal, as forças da extrema direita no Brasil contemporâneo fizeram, por outro lado, emergir discursos racistas e xenofóbicos, além das estratégias de desinformação e do culto à várias formas de violência contra indígenas, mulheres, pobres e religiões de matriz africana. Essas forças não constituem, entretanto, um bloco homogêneo, há gradações e heterogeneidade. Não há um único bolsonarismo, dos setores empresariais favoráveis às políticas de privatização e perda de direitos dos trabalhadores a grupos neopentecostais, insensíveis à mercantilização da fé, passando pelos representantes do agronegócio, o fenômeno assume várias formas de existência. Em cada um desses setores existem, como a eleição de Lula demonstrou, divisões que tornam possível uma aliança de centro-esquerda que, afinal, foi vencedora nas urnas. As formações discursivas são heterogêneas e sempre frequentadas pela alteridade.

O nosso tema de investigação está no conjunto amplo dessas divisões e gradações situados entre os acontecimentos que propiciam a emergência e a visibilidade das práticas discursivas da extrema direita e dos setores progressistas. O olhar, porém, se dá na articulação entre as produções de subjetividade realizada nos corpos, produto dessa tensão entre saber e poder. Começamos nossas análises a partir dos acontecimentos do dia 1 de janeiro de 2023.

3 Vocês existem e são valiosos para nós

Toda mudança de ordem macropolítica, como a que acontece no Brasil após a eleição de Lula, implica na transformação da ordem dos discursos, na busca pela instauração de novos regimes de dizibilidade e visibilidade, logo o ingresso em outra formação histórica. As condições contextuais de enfrentamento das forças da extrema direita criam um cenário singular, propício para perceber essa articulação entre os enunciados e a produção de visibilidades.

Podemos observar o funcionamento entre os regimes de enunciabilidade e de visibilidade em dois acontecimentos dos primeiros dias de governo. As imagens da posse do Lula subindo a rampa com representantes do povo brasileiro e alguns trechos do discurso de posse do Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Sílvio Almeida. A opção por esses

objetos de análise se deve ao fato de que eles estão entre os mais representativos da busca pela constituição de uma nova ordem discursiva, a partir da posse de Lula.

Vamos nos deter a esses conteúdos antes de considerar os atos de invasão das forças dos três poderes protagonizados pela extrema direita.

Iniciemos pelo trecho do discurso do Ministro.

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós. Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós. Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós. Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós. Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós. Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós. Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós. (ALMEIDA, 2023)

A força do pronunciamento é potencializada pelo fato do Ministro ser um intelectual negro, com uma trajetória que enfatiza os aspectos históricos que se contrapõem ao modo perverso de funcionamento da sociedade brasileira. Silvio Almeida fala do centro do poder, em Brasília, de terno e gravata e suas palavras remetem às imagens de pessoas do povo brasileiro, compreendendo desde aspectos da desigualdade social até às questões de gênero e raça, promovendo um arco de inclusão pela afirmação de que o novo estado brasileiro reconhece a existência desses sujeitos. Se, como nos diz Deleuze (2005), é preciso extrair as imagens das palavras, o que temos com o enunciado do novo Ministro é a luz sobre os sujeitos invisibilizados e vítimas da violência histórica, enumerados na sua fala pausada e assertiva.

Consideremos, agora, a produção de visibilidades. Almeida lança luz sobre classes e grupos sociais desprivilegiados e busca dar visibilidade às suas lutas e reivindicações. Diante da negativa de Jair Bolsonaro em passar a faixa para o vencedor das eleições, Lula subiu a rampa do palácio do Planalto, no dia 01 de janeiro, com representantes do povo brasileiro: Aline Souza, Dirigente da Central das Cooperativas de Trabalho de Catadores e Materiais Recicláveis; Cacique Raoni, no auge dos seus 90 anos; o artesão Flávio Pereira, que participou das vigílias durante o período em que Lula esteve preso em Curitiba; o menino Francisco, de 10 anos, morador de Itaquera, na periferia paulista; Ivan Baron, jovem potiguar ativista da luta anticapacitista; Jucimara Santos, cozinheira da Universidade Estadual de Maringá; Murilo Jesus, professor de Letras Português e Inglês; Wesley Rocha, metalúrgico; além da primeira -dama Janja, com a cachorra do casal, Resistência.



Figura 1 - Lula e os representantes sobem a rampa

Os corpos de brasilidade, esses corpos antes capturados e segregados pelo poder, foram reunidos nas zonas de visibilidade, de enunciabilidade, nas linhas de força e de subjetivação às quais se refere o ministro. Esses sujeitos, corpos de brasilidade, historicamente domesticados pelo poder, são agora corpos emergentes - por isso sobem a rampa como que para galgar uma ascense - de determinadas formações sociais que os marginalizam e os inferiorizam. O que é criado por esse campo de forças são as condições de visibilidade e de enunciabilidade, constrói-se a partir de dois regimes de signos: regimes de corpos e regimes de enunciação (DELEUZE, 2005). Isto é, constitui-se uma ordem do discurso, pela qual o poder ilumina ou esconde os corpos (nos regimes dos corpos), assim como obriga a dizer ou a calar (nos regimes de enunciação).

No fragmento selecionado, chama a atenção a repetição dos termos “você existem e são valiosos para nós”. Esse recurso pode ser interpretado como uma estratégia retórica para enfatizar a importância dos sujeitos do enunciado. A repetição de uma mesma estrutura sintática (sujeito + verbo + predicativo) reforça a ideia de que o Ministro reconhece e valoriza a existência e a importância dos sujeitos referidos. Além disso, a repetição também ajuda a criar uma certa cadência no discurso, o que pode contribuir para envolver emocionalmente a audiência: o ritmo binário ascendente predominante na cadência, colaboram para um efeito de sentido de progresso, algo que caminha adiante.

A repetição também pode ser analisada como um processo de significação que depende das relações de poder e das condições sociais que permeiam o discurso. Nesse sentido, é importante destacar que a afirmação “você existem e são valiosos para nós”, é uma declaração de reconhecimento e inclusão, uma forma de afirmar a igualdade entre as pessoas presentes na posse. Essa afirmação também pode ser vista como uma resposta às narrativas de exclusão e invisibilização que muitas vezes afetaram as pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade social no governo anterior. Nesse sentido, a repetição dos termos “você existem e são valiosos para nós” pode ser vista como uma tentativa de construir uma narrativa inclusiva e progressista, que reconheça a diversidade e a complexidade das experiências sociais dos brasileiros. Ao mesmo tempo, essa repetição também pode ser interpretada como uma forma de reivindicar um lugar de fala para o Ministro e para as pessoas que se identificam com sua visão de mundo, o que pode ser entendido como uma estratégia política para mobilizar apoio e legitimidade para a agenda política do Partido dos Trabalhadores. Por outro lado, é possível identificar uma negação implícita na frase, que se manifesta por meio da ausência de um sujeito explícito. Ao dizer "você existem e são valiosos para nós", o enunciador deixa implícita a ideia de que há outras vozes que negam ou questionam a existência ou a importância

dos destinatários do discurso. Nesse sentido, a negação implícita na frase pode ser entendida como uma estratégia discursiva para reforçar a identidade política e a legitimidade do partido frente às críticas e às contestações que ele enfrenta. Essa negação implícita pode ser entendida como um tipo de implícito referencial, ou seja, uma forma de deixar implícita uma referência ou uma oposição sem precisar mencioná-la explicitamente. Essa voz que nega a existência ou a importância dos sujeitos do enunciado no discurso não é explícita e não pode ser atribuída a um sujeito específico, mas a toda uma configuração histórica que os marginaliza.

É possível pensar a produção de um saber sobre o novo governo a partir das relações entre o que enuncia Silvio Almeida e o que se dá a ver no ato simbólico da subida da rampa na posse de Lula. As palavras do Ministro atestam a afirmativa da existência de sujeitos invisibilizados (e de alguma forma violentados) no governo Bolsonaro: trabalhadores, homens e mulheres pretos, indígenas, transsexuais, intersexo, não binários, pessoas em situação de rua, com deficiência, idosos, anistiados, vítimas da violência, da fome, da falta de moradia, transporte, pessoas sem acesso aos sistemas de saúde, empregadas domésticas, pessoas em situação de rua. Há uma estratégia de reconhecer a existência que se reforça no ato simbólico de subir a rampa com aqueles para os quais – e com os quais – se governa. As imagens da posse e os enunciados do novo ministro se encontram como linhas descontínuas da constituição de um saber sobre o novo governo, indicam a passagem a uma outra formação histórica. Importa pensar, como veremos, a relação dessa formação histórica com a memória dos primeiros mandatos do governo Lula.

O que se assistiu, porém, na sequência foi o ato terrorista da invasão do centro do poder: o palácio do planalto e as sedes do legislativo e judiciário. Um regime de visibilidade que reproduziu, não por acaso, as imagens da tomada do Capitólio diante da derrota de Donald Trump nas eleições americanas de 2020. É interessante observar, entretanto, que essa não é a relação de poder que interessa ao pensamento de Foucault, na medida em que sua manifestação é a violência. “O modo de relação de poder não deveria, portanto, ser buscado, ao lado da violência (...), porém ao lado ao modo de ação singular- nem guerreiro, nem jurídico- que é o governo” (FOUCAULT, 1995, p.244). A violenta tentativa de golpe de estado parece, antes, uma atitude de desespero, diante das mudanças em curso, dos saberes que se constituem como poderes, a partir de existências negadas ou negligenciadas no tom bélico do governo que deixa o poder, um sintoma de crise de governamentalidade. É também o ponto culminante, como visibilidade, da retórica do ódio e guerra Cultural, reproduzindo, em outra esfera, as violências do processo eleitoral.⁵ Não reconhecer, entretanto, o ato delirante como jogo de poder, não atenua o sentido da violência, apenas o circunscreve como ato de desespero - uma tentativa de golpe, ali onde as outras estratégias falharam justamente porque, sob Bolsonaro, se distanciaram de certa tradição da brasilidade modernista.

O poder, de acordo com Foucault (1995), é ação sobre ação, não as formas de agir sobre os outros. Nesse sentido, a resposta de Lula foi rápida, considerando a dimensão simbólica do espaço da subida da rampa. A reação aos atos de 08 de janeiro se deu pela força do estado (prisões e investigações) que não cabe detalhar aqui. No dia seguinte aos ataques terroristas no congresso, Lula se reuniu com todos os governadores da federação, representantes do Judiciário e Ministros de Estado. Após o encontro, o Presidente caminhou com os representantes dos três poderes, do Palácio do Planalto até o prédio do Supremo Tribunal Federal. Dois dias depois, tomaram posse a Ministra dos Povos Originários, Sonia Guajajara e a Ministra da Igualdade

⁵ Entre os casos de violência no processo eleitoral, vale registrar o do eleitor petista que foi assassinado em Foz do Iguaçu- PR, quando comemorava os seus 50 anos, com decoração alusiva à candidatura de Lula. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/1969/12/15041796-saiba-tudo-sobre-o-caso-do-petista-assassinado-por-bolsonarista-em-festa-de-aniversario-em-foz-do-iguacu.html>.

Racial, Anielle Franco. Mais de mil pessoas assistiram ao vivo a cerimônia ao som de batuques e música indígena e do Hino Nacional Brasileiro cantado na língua Tikuna.

Os anos de governo Bolsonaro representaram a negação de uma brasilidade popular, mestiça e moderna, dando lugar a novas práticas, **na manipulação da fé para fins políticos**, na proliferação de armas para a defesa do “cidadão de bem”, no conservadorismo dos costumes. É uma ilusão, evidentemente, pensar que a representação encenada no início do governo Lula como estratégia de novas discursividades – fazendo falar e ver o que foi negado ou silenciado - não enfrenta resistências. As forças conservadoras e reacionárias continuam presentes - e não foram criadas na gestão de Bolsonaro, sua dimensão histórica é uma das linhas constitutivas da brasilidade, com seu processo escravista prolongado, antimoderno (SABER, 2022). As linhas de descontinuidade apontam para uma retomada das questões postas pelos antigos governos petistas, mas que encontram um novo país, atravessado pela radicalização dos fluxos discursivos conservadores nos últimos anos, tornados enunciáveis e visíveis.

4 Nos quartéis nos ensinam antigas lições

Nos meses que antecederam as eleições presidenciais brasileiras de 2022, que resultaram na terceira eleição de Luís Inácio Lula da Silva, grupos de pessoas, quase sempre de classe média e alta, acamparam nas portas dos quartéis militares em várias cidades brasileiras, pedindo uma intervenção militar que visava garantir a reeleição do candidato de extrema direita, Jair Bolsonaro. Atos que continuaram depois das eleições e resultaram na tentativa de golpe sob o acobertamento de grande parte das forças militares, com a invasão da sede dos três poderes em Brasília, atos de vandalismo contra o patrimônio público, sobretudo em obras de arte que decoram o palácio modernista, sede do poder.

O que se via nos acampamentos eram cenas de senhores e senhoras marchando, ao som dos hinos militares, cenas essas que ganharam as redes sociais, acentuando o caráter algo grotesco desses registros. O som mecânico do hino nacional dá o tom para a formação de filas indianas. Esses corpos obedientes e disciplinados não são numerosos, pequenos grupos mimetizam as marchas militares e os gestos de oficiais do exército em continência, bradando palavras de ordem: “intervenção federal”, “liberdade”⁶.

A escolha do ritmo e da gestualidade militar aponta para certa visão de mundo ilusória de uma ordem dos privilégios de uma elite econômica, mesmo que ali também estivessem representantes das classes populares, metonímia de discursos que foram se formulando nos anos anteriores: escola sem partido, contra a ideologia de gênero, pela família, pátria e propriedade. Há um domínio de memória, as reações da sociedade civil ao golpe que implantou a ditadura militar, em 1964, apareceram no tripé tradição, família e sociedade. É, afinal, uma volta àquele momento que está no centro das palavras de ordem e no gestual dos que acampam na porta dos quartéis.

Muitas e frutíferas foram as discussões sobre os corpos disciplinados e seu comportamento moldado a partir de uma influência militar. O antropólogo francês Marcel Mauss (1950) está entre os pioneiros no estudo do corpo como linguagem. Ao analisar as práticas desportivas e marchas militares, criou o conceito de *técnicas do corpo*, chamando atenção para as formas como a sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo. Seja por motivos econômicos ou culturais, as técnicas são transmitidas e transformadas. O antropólogo chama atenção para a relação entre gestualidade e mentalidade. As marchas militares constituíram um dos objetos centrais dos estudos de Mauss (1950).

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vUXfdCUhllk>.

Aspectos culturais e modos de vestir determinam diferentes ritmos de marcha, em cada contexto e país, e a circulação de imagens é capaz de gerar influências entre diferentes contextos. O ponto interessante a ser observado nas marchas contemporâneas na porta dos quartéis, a partir do pensamento de Mauss (1950), é justamente a relação entre a gestualidade e as mentalidades. Pátria, família, propriedade.

Até que ponto pensar a emergência desses corpos, ao mesmo tempo rígidos, em marcha patriótica, como uma memória infantil das aulas de Educação, Moral e Cívica, muito comuns no período ditatorial, em contraponto com a tradição da flexibilidade e da ginga, nos ajuda a entender as produções de subjetividade no Brasil contemporâneo?

Partimos de alguns acontecimentos envolvendo os corpos da extrema direita- o marchar na porta do quartel, mas também os atos violentos da invasão do congresso, as falas e atitudes deselegantes, a crise de civilidade. E de outro, uma tradição histórica dos símbolos da brasilidade flexível que se fez ver no futebol, no samba, mas também aparece como causa de nossos problemas sociais e como marca de nosso modernismo. Corpos do carnaval, corpos dos quartéis, corpos bélicos destruindo símbolos culturais do modernismo.

A procura da repressão pressupõe o medo. O sujeito securitizado abraça as forças repressivas, já que teve sua subjetividade forjada pela política do terror. Assim, a sede do quartel se expande de dentro para fora, de modo que o controle toma o lugar da disciplina na configuração do poder. Um sujeito que exige repressão é um sujeito que exige vigilância sobre seu próprio corpo ao invés de recusá-la. Esses corpos, movidos pelo medo, se deixam ver, buscam lançar sobre si a luz, se tornam visíveis àquele que ocupa o alto da torre.

Entre as palavras de ordem mais recorrentes nos acampamentos dos securitizados estava: “SOS, Forças Armadas”. O enunciado consiste em uma frase nominal composta por um apelo (“SOS”) e um termo determinante (“Forças Armadas”). As marcas do medo e da paranóia são evidentes no pedido de socorro.

O pedido de socorro dos corpos militarizados é como um apelo para a proteção contra os corpos da mestiçagem, cuja existência ameaça seus privilégios. A mestiçagem é um elemento fundamental da brasilidade, uma forma de resistência ao colonialismo e à opressão cultural. Misturar é metamorfosear, criar as condições de emergência de um processo dinâmico e criativo, que gera novas formas de expressão e de identidade, capazes de desafiar as estruturas de poder e desafiar os saberes que sustentam suas bases, a partir da superação das fronteiras e das hierarquias culturais, que foram impostas pelo colonialismo. A brasilidade do corpo que dança desafia os binarismos e as polaridades nas quais se sustentam os privilégios das classes médias, como a oposição entre o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”, o “centro” e a “periferia”.

5 A síntese

A mestiçagem representa uma resistência à fragmentação e atenuação das diferenças. Mestiçar é realizar um projeto de modernidade alternativa e uma abertura para a criação de novas formas de vida. O cruzamento entre diferenças que constitui os múltiplos corpos de brasilidade dá à luz uma multiplicidade de possibilidades, que podem desafiar as estruturas de poder estabelecidas.

Vimos, de um lado, uma subjetividade mestiça realizada e atualidade no corpo de brasilidade que tenta se afirmar diante da conjuntura sócio-política e, de outro lado, uma subjetividade autoritária, manifesta nos corpos militarizados nas portas dos quartéis gerais. A primeira segue afirmando, de maneira autônoma, uma modernidade que engloba um projeto de desenvolvimento de uma cultura popular forte e resistente na qual se faça valer um projeto de cidadania, se fazer existir, lançar luz sobre a própria existência, dobrando sobre si

as curvas de visibilidade e dizibilidade. A segunda reage, tenta impedir o devir dos minorizados no intuito de operar uma manutenção das relações de poder vigentes e conservar seus privilégios. Dessa forma, o corpo festivo age enquanto o corpo violento reage.

Referências

- AB' SABER, Tales. **O Soldado Antropofágico**: Escravidão e não pensamento no Brasil. São Paulo: N-1/Hedra, 2022.
- ANDRADE, O. Manifesto Antropofágico. In: ANDRADE, O. **Obras Completas VI – Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**: Manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1972.
- BOSCO, F. **Bolsonaristas mijam com Deus sobre a cultura brasileira**, São Paulo, 14 de janeiro de 2023, disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/bolsonaristas-mijam-com-deus-sobre-a-cultura-brasileira.shtml?pwgt=kq4hjraznlt6thvzv5pzkh9nbnixdth6e3113iztrmoffthe&utm_source=hatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagif, acesso em 30/01/2023.
- CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015, p. 17-47.
- COURTINE, J.J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DELEUZE, G. **Foucault**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- DELEUZE, G. **Michel Foucault**: as formações históricas. São Paulo: n-1, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**. Vol. 1. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GODDARD, J-C. **Brazuca, negão e sebento**. São Paulo: N-1 edições, 2017.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- MAUSS, M. Les techniques du corps. In: MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Paris: PUF, 1950, p.363-386.
- NAVARRO, P. Estudos Discursivos Foucaultianos: questões de método para análise do discurso In **Revista Moara, Estudos Linguísticos**. Edição 57, Vol. 1/ ago dez, 2020, pp 8-33.
- SIMAS, L.A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- WISNIK, J. M. **Veneno remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em: 03/06/23

Aceito em: 28/08/23